

# **A IDADE MÉDIA NO CINEMA: UMA (RE)VISÃO DO IMAGINÁRIO OCIDENTAL**

## **MIDDLE AGES IN CINEMA: A (RE)VIEW OF THE OCIDENTAL IMAGINARY**

*Por Prof<sup>ª</sup> Ms. Beatriz dos Santos Oliveira<sup>1</sup>  
Prof. Mario Marcio Felix Freitas Filho<sup>2</sup>*

### **Resumo:**

Desde a sua invenção no final do século XIX o cinema desperta a curiosidade do espectador, pois ele possui o poder de transportar sua imaginação - de maneira audiovisual - através do tempo e do espaço. Além disso, neste artigo, veremos que o cinema é um importante veículo de promoção da memória social e transmissor de uma consciência histórica.

**Palavras-Chave:** Idade Média, Cinema, Europa, Medieval, Audiovisual, Imaginário, Memória

### **Abstract:**

The cinema stimulates the spectator's curiosity since it's invention in late 19<sup>th</sup> century, for it has the power to transport his imagination through time and space in an audiovisual way. Furthermore, in this article we will be able to observe that cinema is an important transmitter and social memory promoter vehicle of a historical consciousness.

**Keywords:** Middle Ages, Cinema, Europe, Medieval, Audiovisual, Imaginary, Memory

A Idade Média, erroneamente alcunhada como Idade das Trevas, é um período de grande florescimento das universidades e de uma vasta produção literária, difundida principalmente pelos monges copistas e que faz hoje parte de nosso imaginário. Ela inclui os *lais*, os *fabliaux*, as fábulas, as canções de gesta, os romances de cavalaria, as baladas, entre outros gêneros. Tal senda foi responsável pela matização de um imaginário rico e plural que perdura até a contemporaneidade. A partir da reflexão crítica acerca do legado sociocultural que a Idade Média nos deixou, presente nas falas dos diversos estratos sociais contidos no conjunto de narrativas cinematográficas, perceberemos, a seguir, que tal conjunto imagético é recriado e readaptado de acordo com a necessidade.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras: Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Mestra em Literatura Comparada pela mesma instituição. É membro pesquisadora do Grupo de Estudos Comparados de Literatura e Cultura (GECOMLIC), afiliado ao Centro de Estudos Afrânio Coutinho (CEAC/UFRJ).

<sup>2</sup> Graduado e licenciado em Letras: Português-Latim pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Mestrando em Literatura Comparada pela mesma instituição. É membro pesquisador do Grupo de Estudos Comparados de Literatura e Cultura (GECOMLIC), afiliado ao Centro de Estudos Afrânio Coutinho (CEAC/UFRJ).

Desde sua criação no século XIX, o cinema tem atraído plateias no mundo todo com os mais diferentes temas, seja mostrando cenas do cotidiano, histórias futuristas, aventuras fantásticas em que o homem se depara com seres de outros mundos, ou filmes baseados em fatos históricos. A Idade Média sempre foi um período histórico que despertou curiosidade, nem sempre pelos motivos que gostaríamos, como a grande contribuição tecnológica e intelectual que nos legou e que faz parte de nossas vidas ainda hoje (é o caso dos óculos, das universidades e de sua belíssima literatura). Normalmente ela é retratada pelo filtro lançado pelos Iluministas do século XVIII como uma era de escuridão e trevas, em que a sociedade se encontrava sob o jugo social da nobreza e da Igreja.

Em geral, quando pensamos em filmes com temática medieval, num primeiro momento talvez sejamos levados imediatamente a pensar nos seguintes itens: grandes castelos, cavaleiros com armaduras resplandcentes disputando justas, princesas a serem salvas, cavaleiros templários, cruzadas, inquisição e bruxas. Além disso, também são recorrentes alguns personagens-chave, tais como o rei Artur, Joana D'Arc e Robin Hood. Essa memória inicial deve-se em grande parte à enorme gama de filmes hollywoodianos aos quais muitos de nós fomos expostos durante toda a infância e adolescência ao longo do século XX.

Contudo, é importante ressaltar que nem todos os acontecimentos e relatos apresentados nestas obras cinematográficas correspondem a uma abordagem histórica sobre o período apresentado, mas sim às referências do imaginário criado em torno do que nos habituamos a classificar como *medieval*. Faz-se então necessário pensarmos com qual Idade Média nós estamos lidando em determinados filmes.

É deveras importante esclarecer um fato culminante sobre essa grande procura por narrativas que remetam ao medievo: o fato de esta curiosidade ter sido desenvolvida no inconsciente Ocidental principalmente por conta do movimento Romântico, no século XIX, tendo como maiores expoentes literários figuras como William Blake, Walter Scott, Victor Hugo, Alexandre Herculano, Lord Byron, Samuel Coleridge e William Wordsworth. Tal acontecimento marcado pelo foco no individualismo e na emoção, na volta à natureza, ao contrário da razão Iluminista, trouxe o interesse e a busca pelas raízes nacionais, bem como uma certa visão folclórica da Idade Média ao resgatar costumes populares (MACEDO, 2009, p.15).

Tendo como base os exemplos apresentados no livro *A Idade Média no Cinema*, de Rivair Macedo e Lênia Mongelli, verificamos que a memória do senso comum em relação ao medievo encontra-se dividida em duas formas de apropriação, chamadas respectivamente “reminiscências medievais” e “medievalidade”. Consideramos por “reminiscências medievais” toda a apropriação de vestígios daquilo que pertenceu ao período, mas que sofreu alterações e transformações ao longo do tempo, como por exemplo:

as festas, os costumes populares, as tradições orais de cunho folclórico que remontam aos séculos anteriores ao XV e que preservam algo ainda do momento em que foram criados, mesmo tendo sofrido acréscimo, adaptações ou alterações no decurso dos séculos. Também constituem reminiscências os monumentos arquitetônicos originados na Idade Média. (MACEDO, 2009, p.15-16).

Já por “medievalidade” compreendemos uma mera referência associada à Idade Média, por vezes muito estereotipada, como os imponentes castelos que encontramos nos mais diversos filmes, que geralmente trazem mais traços modernos que efetivamente medievais, e as imagens do maravilhoso, representado por magos, dragões, feiticeiros, bruxas, monstros e guerreiros em busca do Graal. Atualmente, o maravilhoso medieval se encontra bem representado também no grande desenvolvimento e interesse por jogos de RPG e videogame, muito inspirados no legado da obra de Tolkien (1892-1973): a trilogia *O Senhor dos Anéis* (escrita entre 1937 e 1949), em que temos um mundo mágico ambientado na chamada “Terra Média”, clara alusão à atmosfera medieval.

O misticismo que permeia as obras de Tolkien e as de autores do próprio período medieval, como Chrétien de Troyes (1130-1191) e Thomas Malory (1405-1471), cria uma aura “sobrenatural” sobre este passado medieval que atrai principalmente aos jovens e adolescentes. Esta evocação dos refúgios propiciados por uma floresta encantada ou da segurança simbolizada por um castelo teria algo a ver com a busca de um retorno às nossas origens quase míticas (MACEDO, 2009, p.18), talvez um retorno a uma sociedade mais inocente e lúdica, como a que nos remeterá Pasolini ao tratar de sua Trilogia da Vida. Portanto, começamos a entender por que a sétima arte se interessou e continua se interessando por referências que digam respeito a este período.

Desta forma, assim como Rivair Macedo, acreditamos que devemos pensar os produtos cinematográficos e televisivos mais no âmbito da “medievalidade” do que no âmbito histórico, pois, mesmo os filmes que utilizam alguns traços historicamente medievais (como recriação de figurino), que tratam de personagens, locações e eventos

históricos, ainda estão inseridos no mercado de cultura de massa e, portanto, vão atender ao que o mercado e a linguagem cinematográfica pedem e não irão se preocupar tanto com todos os atributos factuais. Além disso, observamos também a visão de Marc Ferro, para quem existem duas dimensões intercambiáveis na relação História-Cinema: a leitura histórica do filme — em que o filme é tomado como um testemunho histórico direto da sociedade contemporânea—, e a leitura fílmica da história, em que os filmes que tratam de temas ou personagens históricos propõem uma leitura do passado, tornando-se criador de consciência histórica paralela à História, mas fora da perspectiva analítica que lhe é própria (MACEDO, 2009, p.20).

Com relação aos filmes, temos alguns emblemáticos do início e final do século XX produzidos a partir dos personagens e mitos do imaginário medieval citados anteriormente, como aqueles sobre Joana d'Arc. Em *A Paixão de Joana D'Arc* (1928), de Carl Theodor Dreyer, são mostradas as últimas horas de vida da heroína, focando sua prisão, julgamento e execução; já em *Joana d'Arc* (1999), de Luc Besson, o diretor escolhe recontar a história de Joana desde quando ainda era criança, começou a “ouvir a voz de Deus” e teve as primeiras visões de que teria a missão de libertar a França do jugo inglês durante a Guerra dos Cem Anos. Durante todo o filme temos cenas em que ela conversa com sua consciência. Além disso, temos também os filmes sobre Robin Hood — *As Aventuras de Robin Hood* (1938), de Michael Curtiz; *Robin Hood, o Príncipe dos Ladrões* (1991), de Kevin Reynolds, e *Robin Hood* (2010), de Ridley Scott.

A visão de muitos dos diretores de filmes com temática medieval está inserida no que chamamos de domínio do imaginário. Em seu livro *Heróis e maravilhas da Idade Média* (2009), Le Goff apresenta a definição de Évelyne Patlagean:

O domínio do imaginário constitui-se pelo conjunto das representações que ultrapassam o limite imposto pelas constatações da experiência vivida e pelas deduções correlatas que ela autoriza, o que equivale a dizer que toda cultura, portanto toda sociedade e mesmo todos os níveis de uma sociedade complexa, possui o seu imaginário (PATLAGEAN, 2005 apud LE GOFF, 2009, p. 11).

Esta passagem mostra o cuidado que devemos ter ao lidar com a matéria cinematográfica dita medieval, inclusive com os filmes de reconstituição histórica, que muitas vezes têm o chamado “efeito do real”, por apresentar situações e comportamentos que nos parecem coerentes e passíveis de terem acontecido em um período que, para muitos, está localizado num passado longínquo, como os séculos XII e XIII, muito abordados nas mídias audiovisuais. Um dos estereótipos mais comuns vistos nesses filmes, por exemplo, é o da donzela virginal e indefesa, a imagem da mulher como sujeito

sempre frágil, sempre a ser resgatado e extremamente controlado e subjugado pelos discursos reguladores de seu corpo.

A fim de tratar da diversidade temática dos filmes de reconstituição histórica, Rivair Macedo (2009) parte da proposta de François de la Bretecque, em que os filmes com temática medieval são inseridos em pelo menos três eixos:

os “filmes de historiadores”, em que a ficção pretende ilustrar um ponto de vista a respeito do passado com base num saber erudito; os filmes de “personagens históricos”, em que a época é enfocada a partir do protagonista do enredo; os “filmes de aventura”, em que a ação transcorre num passado distante e o contexto desempenha papel secundário (de la BRETECQUE, p. 285 *apud* MACEDO, 2009, p.29, grifo do autor).

Neste contexto, entre os filmes de historiadores, podemos citar *O Sétimo Selo* (1959), de Ingmar Bergman, *Andrei Rublev* (1966), de Andrei Tarkovski, que trata do conturbado pintor homônimo do século XV, e a “Trilogia da Vida” de Pasolini, compreendendo *Decameron* (1971), *As Mil e uma Noites* (1974) e *Os Contos de Canterbury* (1972). Entre os filmes de personagens históricos, encontramos as diversas adaptações do tema do herói, representado obrigatoriamente no medievo pela figura do cavaleiro. Temos então filmes dedicados a heróis que personificam a nação (MACEDO, 2009, p. 33), como Joana D’Arc, na França, *Henrique V* (1989), de Kenneth Branagh, com relação à Inglaterra, e *Coração Valente* (1995), de Mel Gibson, emblemática adaptação do mito de William Wallace, tratando da luta de independência da Escócia.

No que tange aos filmes de aventura, encontramos sua melhor expressão no cinema norte-americano, em que a época e o local em que a história é situada não são muito importantes, como podemos comprovar através especialmente de títulos como *Coração de Cavaleiro* (2001), de Brian Helgeland. Logo no início do filme percebemos sua despreensão para com qualquer coerência histórica sobre o período medieval, pois vemos uma plateia que espera ansiosa por uma justa medieval ao som de “We Will Rock You”, da banda de rock inglesa Queen. Nesta adaptação livre e bem moderna do Conto do Cavaleiro presente nos *Contos de Canterbury* de Chaucer, temos o personagem principal, William, jovem escudeiro que decide assumir o lugar de seu mestre morto em campeonatos de justa. Para tal, ele precisa se mostrar parte da nobreza; assim, logo após encontrar um Chaucer falido na estrada, propõe ao escritor que forje sua árvore genealógica e um título de nobreza em troca de parte do prêmio conseguido com a justa. Temos aí então todos os elementos de aventura: uma mocinha por quem o cavaleiro se apaixonou, o vilão que deseja a mocinha para si e o embate final entre os personagens

masculinos em questão. O filme é permeado por itens da cultura pop americana, como em um momento em que vemos o símbolo da marca esportiva Nike gravado na armadura do cavaleiro, um filme mais dirigido ao público juvenil. A trilha sonora é marcada apenas por músicas de rock e soul do século XX; portanto, o mais relevante aqui é o desencadeamento da aventura.

Mas, sem dúvida, outro filão importante dos filmes de aventura é o daqueles que fazem alusão, ainda que secundariamente, ao mito arturiano. De acordo com Rivair Macedo (2009), toda uma série de filmes norte-americanos que tratam do tema arturiano tem sua origem no romance infanto-juvenil de Mark Twain, intitulado *Um Forasteiro na Corte do Rei Artur* (1889)<sup>3</sup>. Nesta obra, um jovem do mundo moderno retorna à Idade Média e faz troça com personagens do ciclo arturiano (em especial, Merlin, o mago), através de constantes provocações acerca da “incontestável” superioridade técnica e científica da sociedade industrial do século XIX em relação à “atrasada” Idade Média. Nesse ínterim, o protagonista envolve-se em perigosas aventuras e aprende algo sobre a ética cavaleiresca (MACEDO, 2009, p. 45). Isto vai resultar em diversas adaptações para o cinema, a maioria de caráter humorístico, como *Um Garoto na Corte do Rei Arthur* (1995), *Uma Cavaleira em Camelot* (1998), e uma versão mais recente chamada *Loucuras na Idade Média* (2001). Contudo, à parte os filmes cômicos que se utilizam da ética cavaleiresca presente nas narrativas sobre Artur e sua Távola Redonda, as adaptações mais conhecidas são aquelas que tentam fazer uma reconstituição mais “séria” do mito — *Os Cavaleiros da Távola Redonda* (1953), de Richard Thorpe; *Excalibur* (1981), de John Boorman; e *Rei Arthur* (2004), de Antoine Fuqua —, já inserido nas novas adaptações do início do século XXI.

Ainda assim, é interessante notar que existem poucos filmes de temática medieval que compreendam o período da Alta Idade Média (entre os séculos V e X), normalmente os filmes se passam entre os séculos XII e XIV, período da Baixa Idade Média.

Podemos perceber então que o que se busca nestes filmes, nesta “medievalidade”, são pontos de identificação entre o hoje e esta Idade Média sonhada, com seus dilemas éticos e morais. Como exemplifica Chris Barker em *Cultural Studies – Theory and Practice* (2006), a linguagem é o meio pelo qual construímos nosso conhecimento sobre nós mesmos e sobre o mundo social. Ela não é um meio neutro para a formação e

---

<sup>3</sup> No original: *A Connecticut Yankee in King Arthur's Court*.

transferência de valores, sentidos e formas de conhecimento, pois é constituída justamente destes mesmos elementos (BARKER, 2006, p. 88, tradução nossa). É a linguagem, então, que dá significado às práticas sociais e nos fazem entendê-las como tal. A linguagem cinematográfica, portanto, também é uma forma de tentarmos encontrar as referências e nos reconhecermos enquanto humanidade neste nem tão longínquo passado medieval.

Por conseguinte, esta Idade Média sonhada também contribui – e muito – para a preservação de nossa identidade Ocidental-cristã, algumas vezes como medida de resgate em um momento conturbado da história em que tenhamos de lembrar de nossa humanidade. Por isso, sempre que analisarmos qualquer produto audiovisual que nos remeta a qualquer período histórico, devemos ter em mente algumas questões: por que certas imagens, ações e personagens foram escolhidos?; a que contexto este material se refere?; em que momento ele foi produzido?; e, finalmente, em que contexto ele foi lançado e exibido? Algumas vezes encontraremos respostas mais relevantes à contemporaneidade que ao contexto histórico apresentado na mídia audiovisual analisada.

Pudemos observar, percorrendo criticamente o pensamento de Jacques Le Goff e outros teóricos, que o imaginário tem o poder de transbordar o território da representação. Assim sendo, o imaginário passa a ser levado adiante pela fantasia, no sentido mais forte da palavra. Tal imaginário constrói e alimenta as lendas e os mitos. Logo, podemos defini-lo como um sistema quimérico de uma civilização que transforma a realidade em visões ardentes do intelecto que, em um movimento de reavivamento, são impressas em película. Esta (re)visão medieval sob a ótica do cinema é a reinterpretação de uma época que desperta a mais profunda curiosidade do homem contemporâneo.

## BIBLIOGRAFIA

AMOROSO, Maria Betânia. “Nós e ele: Pasolini no Brasil”. In: *Poemas: Pier Paolo Pasolini*. Trad. e notas: Maurício Santana Dias. Org. e introd.: Alfonso Berardinelli e Maurício Santana Dias. Posfácio: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad: Yara F. Vieira. S.P.: Hucitec; Brasília: Ed. Univ. de Brasília, 1987.

BARK, William Carroll. *Origens da Idade Média*. Trad: Waltensir Dutra, 4 ed. R.J. Zahar Ed., 1979.

BARKER, Chris. *Cultural Studies, Theory and Practice*. London: SAGE Publications, 2006.

BERARDINELLI, Alfonso. “Pasolini, personagem poeta”. In: *Poemas: Pier Paolo Pasolini*. Trad. e notas: Maurício Santana Dias. Orga. E introd.: Alfonso Berardinelli e Maurício Santana Dias. Posfácio: Maria Betânia Amoroso. Sao Paulo: Cosac Naify, 2015.

BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Trad: Liz Silva. 28 ed. rev. Lisboa, Edições 70, 1987. (Col Lugar da História no 6).

BONNASSIE, Pierre. *Dicionário de história medieval*. Trad: João Guilherme M. Fagundes. 1a ed. Lisboa, Pub. Dom Quixote, 1985. (Col. Dicionários Dom Quixote no 18).

BOYER, Régis. “Arquétipos”. In: BRUNEL, Pierre (dir.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind et al. Prefácio à ed. brasileira: Nicolau Sevckenko. 2a ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1998.

BRUNEL, Pierre (dir.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind et al. Prefácio à ed. brasileira: Nicolau Sevckenko. 2a ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1998.  
BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol et alii. *A personagem de ficção*. 6a ed. S.P., Perspectiva, 1981. (Col. Debates, no 1)

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 13a ed. S.P., Brasiliense, 1983. (Col. Primeiros Passos, no 13)

DUBY, Georges. *A Sociedade cavaleiresca*. Trad: Antonio de Pádua Danesi. 1a ed. S.P., Martins Fontes, 1989. (Col. O Homem e a História, no 6)

FRANCO Jr., Hilário. *A Idade Média: nascimento do ocidente*. 2a ed. S.P., Brasiliense, 1988.

HEERS, Jacques. *História medieval*. Trad: Tereza Aline P. de Queiroz. 5a ed. R.J., Bertrand Brasil, 1988.

HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. Trad: Augusto Abelaira. 2a ed. Lisboa, Ulisseia, s/d. (Biblib. Ulisseia do Conhecimento Actual, no 10).

LE GOFF, Jacques et alii. *A nova história* Trad: Ana Ma Bessa. Lisboa, Edições 70, 1989. (Col. Lugar da História no 1)

LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Coordenador da tradução: Hilário Franco Júnior. Bauru, SP: Edusc, 2006.

LE GOFF, Jacques. *A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média*. Trad: Rogério S. Muoio. 2a ed. S.P., Brasiliense, 1989.

MACEDO, José Rivair e MONGELLI, Lênia Márcia. *A Idade Média no Cinema*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

PERNOUD, Régine. *Luz sobre a Idade Média*. Trad: António Manuel de Almeida Gonçalves. Sintra: Publicações Europa-América, 1997.

PERNOUD, Régine. *O mito da Idade Média*. Trad: Maria do Carmo Santos. Sintra: Publicações Europa-América, 1989.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo, Brasiliense, 2003. (Col. Primeiros Passos, no 110)

SPINA, Segismundo. *Iniciação na cultura literária medieval*. 3ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

XAVIER, Ismail. “O cinema moderno segundo Pasolini”. In: *Pasolini, ou quando o cinema se faz poesia e política de seu tempo*. Rio de Janeiro: Uns Entre Outros, 2014. (Catálogo da mostra realizada no Centro Cultural Banco do Brasil, de 5 de novembro a 24 de novembro de 2014).

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a “literatura” medieval*. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. *A civilização do ocidente medieval*. Trad: Manuel Ruas. Lisboa, Estampa, 1986. (Col. Imprensa universitária, no 32)

\_\_\_\_\_. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Trad: Maria Helena Costa Dias. Lisboa, Editorial Estampa, 1982. (Imprensa Universitária nº 22)

\_\_\_\_\_. *Guerreiros e camponeses; os primórdios do crescimento europeu séc. VII-XII* Trad: Elisa Pinto Ferreira. Lisboa, Editorial Estampa, 1980. (Imprensa Universitária no 13)

\_\_\_\_\_. *Heróis e Maravilhas da Idade Média*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2009.

\_\_\_\_\_. *Idade Média, idade dos homens; do amor e outros ensaios*. Trad: Jônatas B. Neto. S.P., Cia. das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade 980-1420*. Trad: José Saramago. Lisboa, Editorial Estampa, 1979. (Imprensa Univ., no 8).